

Professores não dominam a língua

Pesquisa comprova que Português não é o forte de estudantes do Curso de Magistério

JOAQUIM DE CARVALHO



Boa parte dos professores encarregados de ensinar as primeiras letras nas escolas brasileiras não domina o idioma e avança não muito além do a, e, i, o, u a que chegam seus alunos, avaliam especialistas do ensino. Um círculo vicioso está instalado, argumentam: professores mal formados preparam mal seus alunos, que por sua vez acabam se transformando em professores desqualificados.

“As deficiências de quem escolhe a carreira docente começam no ensino básico, e é difícil corrigi-las no curso superior”, opina o pedagogo Heraldo Marelin Vianna, pesquisador da Fundação Carlos Chagas e autor de alguns trabalhos que diagnosticam o ensino de primeiro e segundo graus.

Vianna se ocupa atualmente de uma pesquisa sobre o desempenho dos alunos da primeira, terceira, quinta e sétima séries. Além disso, trabalha numa avaliação das redações de alunos aprovados há quatro anos para os cursos de Letras das universidades federais.

“Os futuros professores têm muitas dificuldades”, relata. “São fracos especialmente em língua portuguesa, cujo aprendizado deve começar cedo e ser contínuo”. Em uma pesquisa concluída no ano passado, Viana verificou que, entre 2.648 alunos da terceira série de segundo grau, o desempenho mais fraco em Matemática e Português foi o dos estudantes do curso do Magistério — o sucessor da antiga Escola Normal —, justamente o curso que prepara os professores das primeiras séries do ensino primário (ver quadro).

“Deveriam ser os melhores, mas infelizmente são os mais fracos”, confirma a professora paulistana Helenice Silva Rodrigues, que há 22 anos leciona no segundo grau.

Ela costuma aplicar no segundo grau parte do currículo reservado à quinta série. “O livro *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, que é simples, eu recomendo no segundo ano do Magistério”, diz.

O Magistério, que já viveu tempos de glória quando se chamava Escola Normal, vem decaindo à medida que perde valor a carreira de professor. “A Escola Normal, criada na primeira metade do século passado, deu grandes contribuições ao desenvolvimento intelectual do Brasil”, afirma Arleta Maryssael de Campos, professora há 35 anos e dona de uma tese de mestrado que avalia *Os Acertos e Desacertos da Escola Normal Paulista*.

O curso de Magistério — acredita ela — recebe os alunos mais fracos do segundo grau porque a profissão do professor está desprestigiada. “Com uma política de valorização da carreira, os bons alunos iriam correndo para os cursos do Magistério”, acredita. Para Arleta, a quebra do círculo vicioso que produz maus alunos e maus professores depende de quanto as escolas estejam dispostas a pagar pelo serviço de educar crianças.